

Radical Paulistano

CAPITAL

Trimestre . . . 84000
Semestre . . . 168000
Anno . . . 336000

ORGAN DO CLUBE RADICAL PAULISTANO

S. PAULO, QUINTA-FEIRA 2 DE SETEMBRO DE 1869

PROVINCIAS

Trimestre . . . 48000
Semestre . . . 96000
Anno . . . 192000

Publica-se, por ora, uma vez por semana e professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propagando principalmente pelas seguintes reformas:

Descentralização;
Ensino livre;
Policia electiva;
Abolição da guarda nacional;
Senado temporario e electivo;

Extinção do poder moderador;
Separação da judicatura da policia;
Suffragio directo e generalizado;
Substituição do trabalho servil pelo trabalho livre;
Presidentes de provincia eleitos pela mesma;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunales superiores e poder legislativo;
Magistratura independente, incompativel, e a escolha de seus membros fora da acção do governo;

Proibição aos representantes da nação de acceptarem no meoção para empregos publicos e igualmente utillos e condecorações.
Os funcionarios publicos, uma vez eleitos, deverão opiar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

ASSIGNA-SE NA TIPOGRAPHIA DO «CORREIO PAULISTANO» E NA RUA DA BOA VISTA N.º 29, AVULSO 300 RS.

RADICAL PAULISTANO

Os conservadores e a opposição

O partido conservador, galgando sofregamente o poder, iniciou de novo a sua antiga politica de reacções e de perseguição, porém, mais terríveis e assustadoras do que nunca.

O Brasil transformou-se assim em um campo de combatentes, onde os heróes e victoriosos de hontem eram os derrotados e as victimas do dia seguinte.

Os horroresos attentados contra a segurança, a liberdade e o pudor foram perpetrados pelos homens do actual governo e por seus mandatarios de um modo tão descommunal e com uma ousadia tal, que revoltam os espiritos mais calmos e soffredores.

A imprensa opposicionista e algumas vozes do senado levantaram os protestos mais vehementes e energicos contra estes crimes das autoridades, praticados em nome da lei; e o paiz tem de tudo isto um conhecimento completo e perfeito.

Quando, á vista destas accusações imponentes, feitas pelas victimas do poder, alguns credulos ainda esperavam providencias e, de certo modo, alguma justiça, o governo respondeu a estes gritos dolorosos da nação, a essas angustias dos cidadãos, a esse anciar das victimas, promettendo em invectivas contra os homens que occuparam o poder na situação passada, tractando immediatamente de recompensar aquelles que mais opprimindo e vexando o povo, melhor serviram ás mesquinhas ambições, e aos reprovados sentimentos do odio e das vinganças do poder.

Haneste procedimento a duplicidade de um delicto: criminalizar aquelles que soffrem, porque elles hontem causaram, por sua vez, os soffrimentos de outros, e recompensar aquelles que mereciam um castigo, em retribuição dos seus actos.

O primeiro systema arvora em lei a pena de talão, o segundo ergue um altar ao crime, para melhor esmagar a virgude.

Mas, se vos, ars. conservadores, hontem, na opposição, censuráveis os abusos da politica desgraçada do progressismo, se, hontem, a fulmináveis em nome das suas victimas, pugnando pelo bem estar e o progresso deste pobre imperio, como é que hoje, no poder, aperfeiçoais aquelle systema, augmentaes os seus recursos inquisitoriaes, e, sobre tudo isto, ainda tentaes buscar uma justificação, não na lei e nos principios, mas nos abusos e nos delictos que hontem commetteram alguns dos vossos antagonistas?

Este procedimento quer significar, por um modo incontestavel, que hontem gritáveis contra os desmandos do poder, não por amor de um sentimento de justiça, nem pela força de uma convicção, mas por um interesse pequenino e reprovado.

A lei e a moralidade são, pois, hontem para vós, antes uma arma de opposição, do que um complexo de normas de acção que procuráveis defender e salvar pela consciencia do dever, tendo em vista o bem e a dignidade do paiz.

De outro modo não podem ser interpretados os vossos actos, a menos que não se queira ferir as regras mais insignificantes da logica e do senso commum.

Entretanto, ainda a maneira porque vos portaes contra a opposição dá a conhecer claramente que vos julgaes réos dos delictos de que ella vos accusa, porque, não vos defendeis dos crimes que vos são imputados, pelo contrario, tomaes, por vossa vez e sem que vos compita, o lugar de accusadores, quando a vossa posição devia ser a de defensores.

Se a opposição radical censura e criminaliza os vossos actos, a chamaes de louca e de inimiga da ordem social, se a opposição progressista faz o mesmo vindes com o que ella hontem praticou, quando governo; e, deste modo, pensaes cumprir os vossos deveres, justificando-vos perante o paiz!

Não é esta a missão dos governos; seu fim é mais nobre e elevado; o abuso não se justifica com o abuso, nem o crime se legalisa com outro crime.

Que tem o governo conservador com os erros e os desmandos da situação progressista? de que podem elles servir em favor de sua defeza?

Nós radicais, que não estamos no poder, e que não queremos ver nelle de novo inaugurada a politica, que cahiu a 16 de Julho, é que temos o direito de censurar a todos que governaram mal, mas, vós, que hoje dominaes o paiz, que tendes em vossas mãos todos os seus recursos, tractai de bem dirigir os negocios publicos, e de defender-vos das accusações que vos forem feitas.

E' esse o vosso dever; se o não sabeis cumprir, comprehendei-o, ao menos.

Quarta conferencia radical

Deo-se no domingo a quarta conferencia annunciada, orando o sr. Bernardino Paulista sobre a these—O despotismo do nosso governo tem sua origem na constituição.

O orador começou fazendo ligeiras considerações sobre as circumstancias em que se achava o paiz, e, a proposito fallou da escravidão, das finanças, da lavoura, da imigração, da guerra, da nossa politica externa e interna; demonstrando que todos os elementos de prosperidade e segurança das nações, se acham entre nós em um estado bastante desanimador.

Indagou em seguida a causa, a origem de todos estes males e foi encontrando no poder despotico do nosso governo, que tudo faz neste paiz, sem que o povo em nada intervenha.

Ese poder despotico, disse o orador, não existe unicamente nos abusos do governo, mas tem sua origem na constituição, donde tira toda a sua força; e que por tanto convinha estudar seriamente esta questão, mormente quando se propalava ser a nossa constituição a mais liberal do mundo, quando ella só servia para o rei e de nada para o povo.

Passou em seguida o orador a mostrar a organização e o jogo dos nossos poderes, citando constantemente, para confirmar as suas proposições, artigos da nossa lei fundamental.

Começou pelo artigo 10, que consagra a existencia de quatro poderes, e seguindo a sua ordem, passou a analysar o poder legislativo, depois o moderador, depois o executivo e finalmente o judiciario.

Em relação ao poder legislativo, segundo os artigos 13, 101 § 3, art. 65 e 101 § 5, demonstrou o orador que o imperador era tudo, e que nenhuma lei se podia fazer no imperio, contra sua vontade; que o veto suspensivo, consagrado pelo art. 65, de facto equivalia ao veto absoluto, e que além disto, esse artigo desaparecia em face do direito que o imperador tem de dissolver indifinidamente a camara temporaria.

Fallou depois sobre o senado vitalicio, mostrando ser elle uma oligarchia sem explicação em um governo constitucional.

Em seguida passou a considerar o poder moderador e, analysando os arts. 98, 99, 100 e 101, mostrou ser elle a unica soberania desta nação de subditos.

O poder executivo, ainda provou o orador ser o imperador pela força do livremente do art. 101 § 6, o qual não en-

contrava limites na vontade da nação, porque o monarcha podia dissolver a camara quantas vezes quizesse, e que pela letra do art. 102 os ministros eram meros agentes do poder executivo, porque esse artigo dizia: «O imperador é o chefe do poder executivo, e o exercita pelos seus ministros de estado.»

Finalmente, disse o orador, o poder judiciario ainda é o imperador, porque este nomeando os magistrados, segundo o art. 102 § 3 da constituição, podendo suspender-os, pelo art. 101 § 7 e perdoar, ou minorar as penas impostas aos réos, segundo o art. 101 § 8, colloca o poder judiciario na sua dependencia, e, em muitos casos, inutilisa os seus actos, de tal maneira que, no dia em que o imperador quizer, todos os condemnados serão soltos.

O orador observou que não se exigia o desaparecimento destas attribuições, mas que ellas não podiam estar sujeitas ao capricho de um homem, que não tinha responsabilidade, possuindo, além disso, muitas outras supremas prerogativas.

Os arts. 9 e 12 da constituição, o primeiro consagrando a harmonia e divisão dos poderes e o segundo dizendo que todos os poderes são delegações da nação, observou o orador, eram um sophisma de que tinha a mão o legislador constituinte, para fudir o paiz, porque estes dois artigos fingiam dois principios, que pela constituição nunca podiam realisar-se, contra a vontade do monarcha, sendo completamente destruidos pelos artigos que já haviam sido discutidos. Que aqui dava-se o mesmo que tem lugar em relação ao art. 5 da constituição, o qual dá a todos o direito de adoptar a religião que quizer, mas prohibe-lhe a sua livre manifestação.

Depois destas considerações, passou o orador a demonstrar a necessidade de reformas profundas e radicaes em nossas leis, dizendo que as reformas secundarias de nada serviriam, ou seriam, talvez peiores, conservando-se o systema absoluto que de direito e de facto nos governa.

Então teve occasião de manifestar as reformas, de que não podemos prescindir, e que constituem o programma dos radicais do Brasil.

Concluiu o orador, citando um brilhante trecho de um discurso de Castelar, quando este illustre tribuno demonstra a verdade das prophcias da democracia, e applicando-o em relação ao Brasil, finalisou erguendo um viva á victoria da democracia, o qual foi calorosamente repetido pelo auditorio.

Leiam!

O muito sabio e paternal governo de S. M. o sr. d. Pedro II, no intuito louvavel de civilisar esta horda de grosseiros Tartaros, denominada—nação brasileira—, não cessa de, por todos os meios ao seu alcance e a largas expensas dos cofres publicos, mandar arrecadar em Roma a escoria da cleresia, que immigra, por todos os paquetes europeos, para a nossa inculta patria.

Querem os brasileiros ver um desses prototypos admiraveis da alta sabedoria, moralidade suprema, desinteresse evangelico e singeleza christam?

Eil-o; pasmem de vel-o!
O padre lazaria, barbadinho, jesuita ou qualquer outra coisa que melhor nome tenha em dialecto religioso-mercantil—Christophoro Lapulla—mandado de encomenda ou de vigario encomendado ao seu rebanho e deu prasenteiramente a gambia para a cidade de Iguape, onde frue vida folgada e prasenteira, porque os seus parochiados de Jujui, por pobre-

za não poderam, como elle religiosamente exigira, fazer-lhe um ordenado de 1:200\$000 annual; e ainda mais porque os rendimentos do parochiato dão apenas para passar pacatamente!

De modo que o revidm. salvador encomendado das almas impuras daquelles barbaros servos bragantinos, só poderá rogar a Deus onde seja largamente retribuido, e possa bem fartar o ventre obeso!...

E são estes os bemaventurados apóstolos do divino filho da Virgem Maria, que atravessam o oceano, ralados de acerbos privações, no serviço dos pobres e dos sanctos, e com que a piedade infinita do sr. d. Pedro II felicitia os servos degradados d'este vasto Egyto americano.

Os jesuitas

E' lastimavel o *desapego* com que o clero nacional se vae entregando de pés e mãos atadas aos sinistros agentes da propaganda jesuitica.

Não é sem razão que a gente que pensa e reflete causou triste e repugnante impressão á scena ultimamente representada por aquelles taes na cathedra d'esta cidade—á titulo de primeira communhão.

Os cegos, e os cómplices das machinações ultramontanas não querem comprehender, que no fundo d'esta religião anti-christã, e amantado de superstições materialonas, está o veneno corrosivo com que se intenta perverter as fontes da vida social.

Que querem os jesuitas?

Dominar; restaurar seu poderio antigo.

Elles comprehendem, que governar a consciencia é ter em suas mãos a chave do lar domestico, e que dominar a familia é dominar a sociedade.

Sua capa é o christianismo; embuçam-se n'ella como trahidores. Mas seu fim é restabelecer em tudo e por tudo o throno social, em que já estiveram sentados como senhores despoticos dos homens e dos governos.

Uma de suas primeiras victimas ha de ser o clero nacional, que desde hoje elles nullificam, desmoralisam e deitam de parte como instrumento inutil.

Os paes de familia vão na trilha do clero nacional.

Fechem os olhos, e com ingenua simplicidade, muita vez por mero espirito de novidade, entregam suas esposas e até suas innocentes filhinhas ás mãos impuras d'aquelles asceticos monomaniacos da luxuria espiritual, e aos envenenados conselhos d'aquelles *habéis directores* dos reconditos segredos do lar domestico.

Lastimavel cegueira!

Não esperareis, vós outros, muito tempo.

Em breve as tempestades domesticas e todos os males da reacção, que acoroçoas, e que hão de apparecer em todas as orbitas da sociedade, vos hão de abrir os olhos!

Então bem direis dos que, como nós, em todos os tempos e em todas as sociedades civilisadas, tem propugnado por salvar os homens d'aquella peste hedionda e fatal.

Já agora, o que desejamos é que os vossos soffrimentos venham logo, pois assim virá mais depressa a luz da reflexão e o dia regenerador.

Para nós a regra de hoje é a seguinte: quanto peor, melhor!

Viva a Turquia americana!

Ha dias, na cidade de Jundiaby, foi sorrateiramente attrahido á uma casa, com simulada bonomia, o subdito portuguez Luiz José Martins Vieira; e reco-

Redacção da Bibliotheca Hummeru
 Corte

lhido amistosamente em um quarto, o sorprehendeu o capitão Manoel Maria de Castro Camargo, suplente do delegado de policia, que achava-se preparando, disparando-lhe um revolver, que foi desviado por alguém, no momento em que o aggressor desfechava o tiro.

A victima, que tem a infelicidade de acreditar no poder da lei contra os figurões de aldeias, apresentou sua queixa ás autoridades competentes, da importante cidade de Jundiaby, as quaes todas deram-se de suspeitas...

Abençoado imperio de Santa Cruz, patria excelsa dos Andradas, Paulas, Souza e Feijós; terras liberrimas do afortunado Cabral, nós te saudamos com jubilo, em nome do direito, da razão, da justiça e da moral!

Feliz colonia dos immortaes Bourbons, onde o arrogante capitão da guarda nacional e suplente da policia, pôde impunemente tentar contra a vida do cidadão!

Celeste paraíso das santas conveniências, onde as autoridades, por modestia por influxos, de amor, deixam passar incolumes os assassinos, que envergam as libras do nosso adorado Rei e Senhor!

Luminoso alcaçar da divina prevaricação, em nome do crime e da torpeza, nós te saudamos!...

O governo e a opposição no senado

Sob este titulo diz o artigo editorial da Reforma do n. 87:

«A opposição do senado deu logo no começo da sessão ao governo:

Um orçamento provisório até o fim do anno;

As autorizações para os contingentes de força naval e terrestre até Junho de 1870;

A aprovação dos creditos e dos transportes de verbas, a que recorrerá o governo no interregno legislativo.

Ainda novamente, assim que o sr. ministro da marinha trouxe da camara temporaria a sua lei de fixação de força naval para o exercicio seguinte, a opposição do senado a deixou logo passar, com um debate perfunctório.

Não havendo mais na ordem do dia um só projecto ou uma medida recommendada ou patrocinada pelo governo, a opposição aproveitou o tempo em discutir a gravissima e desagradavel politica que está imperando, de perseguição ao povo e de acobardar a quem não pôde ser perseguido.

Quando vencidos os debates ou envergonhando-se da defeza a que eram arrastados dos actos tristes e violentos dos seus presidentes, os ministros se queixavam do desenvolvimento dado á discussão do voto de graças, a opposição lhes respondeu: «Trazel-nos o orçamento e deixaremos este terreno da politica geral.»

E effectivamente no dia immediato á chegada do orçamento ao senado, a opposição deixou a maioria votar o seu soneto, de consoantes forçadas, ao sr. duque de Caxias.

Não havia, pois, um só acto da opposição que podesse fazer nascer no animo do governo a suspeita de que a opposição do senado pretendia embarçar a passagem da lei do orçamento.

Este modo de proceder da minoria liberal do senado em outras circumstancias seria o cumprimento de um dever, digno de todo o acatamento e louvores, mas, no estado em que se acha o paiz e nas circumstancias em que se collocaram os liberaes na sessão de 17 de Julho, e depois della, semelhante procedimento merece, pelo contrario, censuras bem amargas e justas.

No dia 17 de Julho do anno passado a camara temporaria em quasi sua totalidade e toda a minoria liberal do senado negaram pão e agua ao ministerio, não lhe concederam uma lei de orçamento, porque o acreditaram sahido das sembras e organizado fora das regras do regimen representativo.

Em Setembro aconselha o Centro Liberal o abandono das eleições, porque o governo assumindo a dictadura, e rodeado de leis arbitrarías e absolutas, dominava completamente o paiz, impossibilitando-o de manifestar a sua opinião.

Em seguida a tudo isto, em Março deste anno apresentou á consideração do paiz o Centro Liberal o seu famoso manifesto, no qual, apontando as innumerables violencias perpetradas pelo governo nas duas eleições que tinham tido lugar, justificou o seu abandono das urnas, provando de um modo inquestionavel e existencia de um governo absoluto no Brasil.

Depois de tudo isto, parecia que a nossa politica ia tomar um caracter serio, collocando-se os partidos em suas verdadeiras posições, e, nestas circumstancias, a imprensa radical da corte, analisando estes acontecimentos, com aquella franqueza que a caracteriza, disse aos nove senadores, assignatarios do manifesto, que, a consequencia do seu conselho e do seu proceder até aquella data, exigiam que elles tambem abandonassem o senado e o conselho de estado.

O abandono das urnas, feito por um partido, queria significar que elle não podia, por causa do absolutismo do governo, ter uma representação no paiz, e assim, os senadores, dizendo ao povo que não votasse, aconselhando aos seus correligionarios que não fossem á camara temporaria, não podiam manter as suas cadeiras na camara vitalicia e nos altos conselhos da corte.

Além destas considerações, acresce que o manifesto do Centro Liberal, escripto em estylo energico, annunciando a cada passo a existencia, entre nós, de um governo pessoal, e innumerables factos de despotismo, e acabando com as palavras «reforma ou revolução», era de crer que o programma, por elle prometido, seu ultimo complemento, seria de vistas largas, comprehendendo theses, que tivessem por fim as reformas radicais e profundas que as nossas leis exigiam.

Entretanto, o programma do Centro Liberal appareceu mais tarde, e a sua mesquinhez e o tacerão de suas medidas reformadoras causaram assombro em todo o paiz.

Este programma foi, pois, a primeira contradicção que o Centro Liberal manifestou, porque elle não estava de conformidade com os seus actos anteriores, e, sobre tudo, com a posição que havia assumido a camara temporaria a 17 de Julho do anno passado, juntamente com os senadores que lhe imitaram o exemplo na camara vitalicia.

E, depois desta incoherencia, seguiram-se todos as outras que o paiz tem presenciado com admiração; algumas das quaes nos acaba de denunciar o artigo da Reforma, acima transcripto.

Os liberaes das duas camaras negam todo o apoio ao ministerio actual no dia 17 de Julho, e hoje os senadores, chefes desse partido, dão a esse mesmo gabinete um orçamento provisório até o fim do anno; concedem-lhe as autorizações para os contingentes de força naval e terrestre até a ultima de Junho, e a aprovação dos creditos e dos transportes de verbas, a que recorrerá o governo no interregno legislativo, quando elle, no dizer dos proprios, que tudo isto lhes concederam actualmente, dominava legitimamente o paiz, acabrunhando-o com o peso de uma dictadura inqualificavel; em fim, favorecem o gabinete, fazem-lhe todas essas concessões, de que nos falla o artigo em questão, portando-se, por esta maneira, de um modo contrario ao que na vespera haviam manifestado na tribuna das duas casas do parlamento e na imprensa liberal.

Esta incoherencia, esta caminhar des-harmonico da nossa politica são a causa principal do estado de decadencia em que nos achamos, da desmoralisação em que vivem os nossos partidos, e das miserias e vergonhas, porque está passando esta pobre nacionalidade.

E preciso, quanto antes e para sempre, rompermos com esta ordem de cousas, porque ella vai assalando tudo e comprometendo em excesso o futuro deste paiz, digno, por certo, de uma sorte mais nobre e mais prospera.

Cousas do baixo imperio

Acha-se publicada a Collecção de Leis do Brasil, pertencente ao anno de 1868, em dois volumes.

O 1.º volume subdivide-se em duas partes, e contém 664 paginas.

A primeira parte, que encerra os actos do Corpo Legislativo, consta de 25 paginas; a segunda parte, conjuncto dos Decretos do poder executivo, occupa 639 paginas.

O segundo volume é o acervo de decisões do governo, e conta 583 paginas.

A vista d'este esquadro incontestavel pôde-se com afouteza affirmar que no Brasil governa exclusivamente o poder executivo illuminado pelo divino imperador; e que o parlamento não passa de uma triste e degradante comedia, que representa-se todos os annos, com o fim unico de dar occasião ao nosso soberano rei e senhor, de cingir a sua magna capa de Grão-Sultão, enfeitada de papos de tucanos.

Liberdade de cultos

IV

Se a liberdade de cultos é uma necessidade, em face dos principios religiosos e politicos, não deixa ella de apresentar-se com o mesmo caracter, se a considerarmos em relação aos interesses economicos da sociedade brasileira.

Dois grandes problemas economicos agitam actualmente, de um modo grave e funesto, a nosso paiz, pedindo promptas e energicas soluções: o problema da emancipação e o da lavoura.

Cumprir, attendendo já não aos principios da moral e do direito, mas ao interesse e á riqueza desta nação, que a escravidão seja della banida.

E' indispensavel, em vista do nosso estado financeiro, que a nossa lavoura progreda, afim de que o nosso thesouro se salve, e com elle a fortuna e o bem estar dos particulares.

Para que estas precisões sejam satisfeitas, para estes problemas sejam resolvidos, sem abalo para o paiz, sem que elle tenha a necessidade de experimentar os soffrimentos da fome e, talvez que, os horrores de uma guerra civil, é de uma necessidade imprescindivel que o nosso governo abra os nossos portos a essas torrentes de immigração, que tão beneficas e proveitosas foram á grande república dos Estados-Unidos.

O braço servil precisa ser substituido pelo braço livre; verdade esta que ninguém hoje contesta, nem mesmo os homens que actualmente dominam este luctuoso paiz.

As nossas finanças tambem exigem, de um modo imperioso e imponente, a realisação de medidas efficazes, para que se salve a divida do estado, e elle possa, mais tarde, fazer face ás suas despesas.

Não nos é permitido actualmente occultar estas duas palpitantes necessidades do paiz, e ellas não poderão ser satisfeitas sem o concurso da immigração, a qual, applicando-se á lavoura e ás outras industrias, augmentará a nossa produção e, por tanto, os nossos rendimentos, e, ao mesmo tempo, irá substituindo, pouco a pouco, e sem grande commoção, o braço do escravo pelo do homem livre. E, nestas condições, quando se tiver do lavar o decreto de liberdade dos nossos irmãos, que vivem hoje sob o peso das algemas do captiveiro, elle não produzirá as consequencias funestas, que se realisaram necessariamente, se não prepararmos primeiramente o terreno, para receber esta medida indispensavel e mais que util á nossa sociedade.

A immigração tem, pois, em relação ao nosso paiz, uma dupla vantagem; primeiramente concorrer para o mais prompto e facil acabamento da escravidão, em segundo lugar fazer progredir a nossa produção e, com esta, as rendas do thesouro, resultando daqui o melhoramento e a salvação das nossas finanças.

Entretanto, o nosso governo não attende para estas considerações; tanto peor para elle e para nós, porque estas supremas questões não de ser realisadas, quer de um, quer de outro modo.

Mas, como chamar-se á immigração para o nosso paiz? o que cumpre fazer, afim de que os estrangeiros affluam para este fértil e extenso territorio?

Entre as varias medidas, que a razão e a experiencia aconselham a este respeito, apparece a liberdade de cultos como uma das imprescindiveis, uma das mais momentosas e de maior interesse.

A nossa constituição não permitindo a liberdade de cultos, mas tolerando os, unicamente nos limites da vida privada; tirando ao mesmo tempo, juntamente com algamas das nossas leis ordinarias, aquelles que não pertencem á religião catholica o exercicio de certos direitos, dá lugar a que os estrangeiros, que não adoptam a nossa religião de estado, prefiram ao Brasil outros paizes da America, onde elles podem livremente exercer, o que possuem de mais intimo e sagrado, as suas crenças religiosas, a fé de suas consciencias.

Eis a razão porque Montevideo, Buenos-Ayres, o Chile e os Estados-Unidos, não tendo os territorios destas nações a fertilidade que o nosso ostenta, não podendo elles offerecer ao homem os recursos que o nosso possui em abundancia, entretanto, os emigrantes correm para esses paizes, e fogem do nosso.

E porque o individuo, que deixa a patria, para ir longe della buscar a fortuna que esta lhe nega, quer, ao menos, conservar do seu berço as crenças que ahi recebeu, a religião que lhe ensinaram, a qual, distante da terra de seu nascimento, lhe servirá de consolo e, muitas vezes, de uma segunda patria.

Assim o emigrante deixa o Brasil, onde elle podia, mais rapidamente que em outra qualquer parte, enriquecer, para buscar outras regiões, onde possa guardar, como um penhor sagrado, como um sacerdotio inviolavel, a sua religião; onde lhe seja permittido ostenta-la á luz do meio dia, sem ter de que vexar-se, sem ter necessidade de soffrer por aquillo, que elle possui de mais caro, sem que lhe obriguem a occultar uma idéa, que é para elle uma eternidade, um salvatério, — a sua religião.

Este sacrificio, que a nossa lei exige do immigrante é muito pesado e, de certo modo, ignominioso; a moral, o direito, os interesses do Brasil e a propria dignidade do homem protestam contra este abuso consagrado pela nossa legislação, abuso que nos é funesto no presente, e que nos prejudica consideravelmente o futuro.

A vista destas considerações, é fora de duvida, que as nossas leis precisam, quanto antes, ser reformadas neste ponto. Todos os principios, todas as conveniencias exigem, de um modo imperioso, que se estabeleça entre nós a liberdade de cultos.

Se o governo do paiz não quizer attender a esta necessidade, e deixar as cousas correrem pelo desfiladeiro em que se acham, nada prevenindo, e tudo adiando, o nosso futuro, e, sobre tudo, o dos nossos filhos ha de ser bem triste, porque todas essas graves questões, que se vão accumulando, sem que se procure resolver, todas essas tempestades, que se agrupam no horizonte da patria, cahiram, pela força dos acontecimentos, em um só momento, tremendas e medonhas, sobre as cabeças de uma geração inteira aniquilando-a completamente.

Aos grandes senhores

Ha nesta opulenta cidade muita gente rica e poderosa que não se faz esperar, sempre que é preciso concorrer com algumas dezenas de contos de réis, para compra de baronatos, de commendas, de distinctivos de fidalguia ou de votos nas baccanaes politicas.

Que possue formosos palacios, vistosos côches; cavallos de illustre raça das mais cultas cavallharías do mundo, e que, para sua salvação eterna e progressivo augmento dos seus thes, não cessa de orar devotamente a Deus.

A estes grandes senhores da nossa terra queremos prestar um valioso serviço, sem que elles exijamos retribuição.

Na rua da America, adiante do Arouche, acha-se em um immundo casebre, ha cerca de quatro mezes, publicamente abandonado á fome, á nudez, e aos rigores de dolorosa enfermidade, sem que receba medicamento algum, prostrado no chão, de onde se não pôde erguer, um casal de africanos livres.

Estes desgraçados são repellidos da SANTA CASA DE MISERICORDIA, porque ella não admittie no seu hospital, subvencionado pelo governo, pobres accommettidos de molestias incuraveis!

Foram estes infelizes caridosamente enclotados pelo proprietario da casa em que habitavam, por falta de pagamento dos alugueis que deviam!

E estariam abandonados no campo si um cidadão piedoso, porém pobre, não lhes prestasse uma choupana para abrigal-os.

Isto dá-se na imperial cidade de S. Paulo, á face do paternal governo, da previdente policia, dos estabelecimentos de caridade, dos Cresos capitalistas, dos barões que compram titulos de nobreza por elevados preços, dos seminarios e dos conventos, que apregoam piedade christã!

Antes de escrevermos estas linhas dirigimo-nos a um dos mais ricos negociantes d'esta praça e lembramos-lhe a idéa generosa, de correr-se uma subscrição pelas pessoas abastadas, para fundação de um modesto hospital de caridade nesta cidade, onde já se pôde morrer a mingoa.

Respondeu-nos — que mais acertado entendia, que representassemos ao governo, que defrauda quotidianamente o paiz com impostos enormes, para manutenção do luxo asiatico que ostentam a Família Imperial e os bemaventurados do imperio!

Esta aspera resposta, que revoltou-nos o espirito e encheu-nos de indignação, é entretanto, uma fatal verdade, atirada com arrojo á face da nação inteira; verdade amarga, que exuberantemente prova não só o despejado cynismo do gover-

nós muitas vezes de povo, mas, no meio deste, muito limitado é o numero de fieis e de crentes.

A igreja de estado tem servido entre nós também para desenvolver a hypocrisia religiosa; porque, querendo os homens conseguir esses cargos politicos, que a constituição concede aos catholicos, elles se fingem taes, para obtel-os.

Assim, começam corrompendo a consciencia, para, mais tarde, corromperem-se em todas as outras relações da vida.

E pois, forçoso que este mal desapareça das nossas leis; elle só tem servido para satisfazer as ambições pequeninas e illegitimas, sacrificando os mais santos direitos e supremos interesses, tanto da igreja, como do estado.

TRANSCRIPÇÃO

Opinião valiosa

O *Brazilian World*, jornal estrangeiro publicado na corte, que representa idéas, sem duvida, mas que não pertence a partidos e não se inspira em paixões politicas, sob a rubrica—*Os soldados da democracia*—transcreve o seguinte trecho do discurso que proferio no senado o sr. Zacharias, a proposito do projecto que restabelece o recurso á corôa:

« Ora, senhores, tenho pena de não ter ido a Roma; se fosse, o primeiro personagem, que procuraria ver seria o pontífice, e havia de curvar-me e beijar seu pé. Beijar o pé do pontífice é homenagem que a ninguém desdoura, porque é beijar o pé daquelle que faz as vezes de Christo; beijar a mão do rei não é nenhuma humilhação; curvar o joelho ao rei é a rainha, como faz o inglez, não é nenhuma baixeza, porque está subentendido que é homenagem ao direito, a um principio, e não a uma pessoa, tanto assim que a historia ingleza ahi está ensinando o que custa aos reis o desvio dos principios e do direito.

« O sr. DANTAS:—Essa pratica está abolida na Europa; só ha beija-mão na Hespanha. »

Transcreve em seguida outros periodos do mesmo discurso, em que mais saliente se mostra o muito conhecido espirito de fradesca e insupportavel intolerancia ultramontana daquelle emperado e confesso amigo da seita de Loyola, (o sr. Zacharias) hoje arvorado em chefe invictivel dos demagogos do Centro Liberal, e conclue pelas seguintes reflexões, e que não ha retrucar:

« Com estas chaves abre-se todas as portas, mas fecha-se a da democracia, que repugna com idéas tramontanas, que a razão natural condemna, e a verdadeira civilização regeita. Entretanto, o paiz deve congratular-se, porque enquanto estes demagogos forem apregoando taes doutrinas absolutistas, não haja medo de reforma, e muito menos de revolução, que não são cousas para demagogos de beija-mão e roupeta. São para outra qualidade de demagogos que repellem de sua companhia taes soldados. Marechaes são elles, mas não da democracia. »

O *Brazilian World* tem razão.

Com aquellas e quejandas profissões de fé os Grachos do Centro Liberal hão de apasiguar as iras do supremo arbitro de nossos destinos, abrir caminho até S. Christovam e alli mais uma vez dargarote ás liberdades publicas.

Tudo isso é verdade. Mas, felizmente, em vez de diminuir, crescerá a indignação popular e o solemne desprezo que lhes vota o paiz sensato e consciante.

(Do Correio Paulistano).

A PEDIDO

Hymno ao Imperador

Srs. redactores do *Radical*. Como sois a imprensa livre, creio que, embora contrarias ás vossas idéas politicas, não recusareis a publicação dos versos que ahi vos envio.

Não preciso nomear o autor d'elles. Pelo dedo conhecereis o gigante. E' o inspirado e já immortal poeta dos cadafalsos, dos hymnos ao barão de Itaúna e a Caxias, do cantico aos Adonis da deputação paulista e outras immorredouras epopeas a retalho, tão celeberrimas e celebradas.

O autor é modesto; ao envez de muitos, é o que menos glorias sonha para si proprio. Não é isto razão, entretanto, para que não se lhe dê o devido premio, e não se lhe galardoe o afan com que es-

parga flôres e consagra renomes e grandes vultos da patria.

Seus vãos da presente ode, por exemplo, dirigidos desta feita ao primeiro vulto e ao primeiro renome do paiz actual, se em muitas mãos estivesse, seriam pagos com a moeda magestática—o galardão honorifico.

A glorificação de um tal cantor reverteria inteira para a munificencia regia que lhe dependurasse ao peito uma dessas preciosas teteias, que elevam o plebeo ao hemispherio cortezão.

Os proprios principios politicos do autor, que além de poeta é também publicista de não somenos quilate, reclamam e solicitam essa munificencia imperial, aqui lembrada pela amisade impotente.

E' monarchista de truz. Orna-o sobre tudo uma qualidade, que geralmente escasseia nos seus correligionarios:—a coherencia, a logica, o espirito de systema.

Por exemplo: « Com que fundamento, exclama elle a cada passo nos seus arroubos de imperialismo com que fundamento se hade consentir, que a multidão dê vivas ao monarcha?—Os applausos da canalha equivalem a apupadas.—As ovações da plebe são verdadeiras affrontas á magestade do throno.—Estadistas imbecéis! decretae uma lei prohibindo que o povo dê vivas ao imperial imperador! »

Outro exemplo: « O beija-mão! (brada o poeta indignado) acabe-se com o beija-mão! é uma injuria á augusta pessoa do monarcha. —O rei é senhor; o senhor que estende a mão a seu escravo degrada-se.—Beija-se por ventura a mão da divindade?—O beija-mão é a egualdade, e a egualdade é um principio revolucionario.—Se o monarcha, pois, tem algum amor ás instituições constitucionaes, suprima o beija-mão, que é uma semente de anarchia! »

Isto é que é ser consequente. E' impossivel contestar que a opinião acha-se contida na theoria.

Publicar essas idéas é fazer um verdadeiro serviço á causa da monarchia. Estou convencido de que os bons amigos do rei não deixarão de acrescentar mais estas duas importantes idéas ao seu programma. Chamo, pois, para ellas e para seu autor, principalmente a attenção do sr. Alencar e da Camara temporaria.

Mas vamos aos versos:

A S. M. IMPERIAL

—ODE POLITICA—

AO rei poeta abraça o poeta rei
A soberania do talento sauda a soberania hereditaria
O direito divino do genio proclama o direito divino da fortuna
SIMILES CUM SIMILIBUS....

Monarcha, que aos destinos presidis,
Deste imperio cuja corôa,
Luminosa no cimo de seus serros,
Chammejante alumia magestosa
As fronteas da liberdade deste novo
Continente; e politico este povo.

Vós, o chefe, que de redea
O governo politico leveas;
E habilmente em vossas mãos,
Os destinos do paiz feicheas;
A chave de ouro sois e diamantes,
Deste nosso sólo de brilhantes;

Monarcha, o imperio alumado
Por vossas luzes é chamma!
Que por entre o vosso povo
Em clarões se derrama:
Vós sois a primeira liberdade
Deste Estado a primeira summidade.

Para salvar o das eminentes
Ruinas; aonde o conduz a politica,
Que acaba sempre com as nações;
Que atravez os horisontes descortina,
Só e só as más ambições;
Eis o painel das devassidões.

Exemplos na historia vós o sabeis,
Quaes os destinos dos chefes dos imperios;
Cujo throno escudado no guante,
Tem sido jugo de ferro imposto;
Por esses monarchas imperantes,
E seus governos sempre luctuantes.

Os monarchas vós conheceis,
Quando sabios e illustrados é supor;
Serem seus cortezaes republicanos,
Dentre elles d'alguns é cortejado;
E' preciso temel-os e com energia
Delles collocar-se afastado.

Alevantados os thronos nas columnas,
D'ouro capazes de suster o firmamento!
Assim se podem esteiar os thronos;
Imperando nos corações dos vassallos
Quando o rei é pae commum e protector
E sua missão cumpre de regenerador

Vede Cezar! e o grande Napoleão!
Esses a cujo poder tremeu a Europa
E aquelle que: primeiro a constituição
Nos impoz—baluarte da liberdade;
Essa carta de lei é a instituição
Mais bella e sabia a face da natureza!!!

E como esses, guerreiros conquistadores
Que seus generaes estadistas e cortezaes
Cobriram de grandezas e beneficios;
Tiveram dos mesmos em remuneração
Mais tarde o odio e a conjuração....
A mais nefanda e sacrilega traição.

E vós que á semelhança destes,
Já nos campos de Uruguayana;
Alcançaste um triumpho glorioso,
Alçando a espantosa durindana,
E de lá voltaste victorioso;
Superior a Caxias valioso.

Não é a primeira vez, Senhor
Que a corôa dos poetas salva
A corôa dos reis: por tribunos
Muitas vezes mal guiada;
A corôa dos poetas como a vossa
Por vós mesmo pôde ser salva.

Mas vós quando o cataclismo,
Revezes da politica conflagrada,
E a vossa entidade contorneada
Por torpedos—então inspiraes-vos
Nos feitiços da Baroneza de Cayapó,
E o vosso Estado não irá no pó.

Eu, como poeta de louros corôado
Vou saudar o poeta de corôa d'ouro
O Rei sabio politico; e magistrado;
Supremo, que ás altas funcções
Sabidamente equilibra do Estado
Vae aqui em rude verso celebrado....

E um hymno tosco e sem enfeites
E para alguns pouco assucarado:
E pobre e despido de aureas alfaías
Com que o torne mais abrilhantado,
Mas vae assim mui rudemente
Ao poder moderador eminente.

S. Paulo—Agosto de 1869.

M. G.

CHRONICA

Recompensa—Lê-se na Opinião Liberal:

« Consta que o sr. barão de Itaúna partiu para a Europa já galardoado com o titulo de visconde do mesmo nome.

Os titulos são, como se sabe, a moeda da monarchia, e o monarcha dispõe della como lhe apraz. O que, porém, é digno de reparo é que o imperador estimule as presidencias violentas e escandalosas com essas recompensas, porque esses galardões e estímulos trazem augmento de martyrio para os governados.

Agora falta o sr. S. Lourenço. Este acto do sr. d. Pedro II é um desrespeito á moralidade, aos direitos dos cidadãos, e principalmente uma offensa á nobre provincia de S. Paulo.

Os paraguayos—Lê-se na Sentinella da Liberdade:

« Ainda nos chegam queixumes contra os srs. paraguayos, que na qualidade de prisioneiros, tem, nesta cidade, mais liberdade que o cidadão brasileiro, como verão do seguinte facto que foi presenciado por um cavalheiro distincto.

A chacara que serve de hospital militar no Andaraby Grande, deita fundos para a rua de d. Affonso, e é aberta por esse lado.

Naquelle hospital, ha um bom numero de paraguayos que fazem officio de serventes, e esses divertem-se em tomar banho nus, a todas as horas do dia, e em penetrar pelos fundos da chacara do hospital, nas dos particulares, onde cortão cannas, que lhes refrescam as saudades de sua patria!

Os proprietarios dessas chacaras tem reclamado contra esses abusos, menos por causa do prejuizo que soffrem, do que por se verem privados de passear com suas familias pelos seus pomares e jardins.

As reclamações, porém, tem tido uma resposta, que custamos a escrever: *prendam os paraguayos que fazem essas correrias, para se poder castigar-os!*

Quem é que hade querer expôr-se a luctar com aquellas feras, armadas de instrumento offensivo e defensivo?

Em taes casos o unico recurso que resta aos habitantes da rua de d. Affonso, é não sahirem á passear por suas chacaras, e entregal-as á devastação paraguaya!

Aconteceria isso, se os autores dessas bellezas, fossem cidadãos brasileiros? Ha muito tempo estariam trancafiados;

e se fossem soldados, estariam com as costas de molho!

E pois verdade que os prisioneiros paraguayos tem mais liberdade do que os brasileiros, pois que a tem até para insultar impunemente o pudor das familias, e invadir, sem repressão, a propriedade alheia!

Nem tanta bonomia, sr. ministro; nem tanta generosidade, senhor!!!

Rio Grande do Norte—Lê-se no Amigo do Povo:

« O *Liberal do Norte*, n.º 33, de 17 de Abril, noticia que a 14 do referido mez entraram na capital da provincia 2 alferes da guarda nacional *Pamarrados com cordões* escoltados por 6 soldados trazendo uma viagem de 8 legoas a pé e descalços, por não se lhes permittir que fossem a cavallo, nem que mudassem a roupa de serviço com que estavam no acto da prisão: esta fôra ordenado pelo subdelegado *Ladislau Hortencio Cabral de Albuquerque Junior*. »

As victimas chamam-se José Ozorio Roque Rocha e Antonio Philadelpho da Rocha Junior, os quaes estiveram primeiramente, antes de seguir para a capital, em uma *estribaria*, na povoação de Utinga, *estribaria* que teve honras de cadeia para receber os 2 presos—OFFICIAES DA GUARDA NACIONAL!!!

Viva o sr. d. Pedro Lopes de Alcantara! Viva o sabio Lopes Brasileiro!

E, apesar de tudo isto, o governo do sr. d. Pedro II continuará a ser *paternal*, e os srs. conservadores os salvaterios deste desventurado paiz!

Ação meritoria—Lê-se na Reforma:

« A 13 de Julho do corrente anno, na cidade do Bananal, ia ser baptisada uma criança inteiramente branca que tivera a desventura de não nascer de ventre livre. O dr. Joaquim M. G. de Moura Galvão, que se achava presente, dirigiu-se ao rev. vigario convidando-o a interessar-se pela liberdade da criança, offerecendo concorrer com 50\$. O vigario abraçou a idéa, e o padrinho da baptisada, o major Antonio de Padua Machado, foi encarregado de entender-se com o dono da criança sobre o acto de beneficencia que se queria praticar. O dono da *escrava branca*, porém, não quiz aceitar quantia alguma, e a innocente foi baptisada por *livro*, assignando-se o competente *livro*. »

E' sempre com o maior prazer que damos a conhecer aos nossos leitores factos desta ordem.

ANNUNCIOS

Vigor do Cabello,

DO DR. JYER,

Para renovação do Cabello.

O Grande Empenho da Época!



O *Vigor do Cabello* é uma preparação ao mesmo tempo agradável, saudavel e efficaç, para conservar o cabelo. O cabelo secco ou ruço retoma a sua primitiva cor e o brilho e o viço do cabelo dos moços; e o cabelo ralo, torna-se denso, o que cõe, preserva-se e as calvas muitas vezes bem suppridas, com o seu uso. Quando as folhículas estão enfermas ou as glandas atrophiadas, não ha que possa reformar o cabelo senão uma applicação como o *Vigor do Cabello*, a qual, exemta de substancias deleterias que tornam algumas preparações perigosas e injurias ao cabelo, e muito dissimilante a essas pastas e sedimentos que tanto concorrem para sua queda, conserva-o limpo e forte e melhora-o sempre, sem poder damnificá-lo. Dest'arte o *Vigor do Cabello* é o mais desejavel dos ornamentos do

TOCADOR.

Elle não contém oleo, nem tintura; não é capaz de manchar nem o mais alvo lenço de cambraia; perdura no cabelo, dá-lhe brilhante lustre e espargelhe agradável perfume.

Depositario geral no Brasil

H. M. LANE, 15, rua Direita.

UNICO AGENTE.

DEPOSITO EM S. PAULO

Rua Direita n. 46.

NOÇÕES FUNDAMENTAES

DE

Philosophia do Direito

por J. Dias Ferreira, lente da universidade de Coimbra

A' venda no escriptorio desta typographia, 1 vol 5 \$000rs

ATTENÇÃO

Quem tiver casas terras, no centro da cidade, para vender e também uma escrava para vender ou alugar, dirigindo-se á rua da Cruz Preta n. 23 terá informações do comprador.

Mobilia

Na casa commercial de Manoel de Paiva Oliveira, vende-se uma rica mobilia, toda de legitimo jacarandá, goilo moderno, intalada, — Medalha —, constando de um rico sofa com encosto, meza oval com tampo de marmore, duas aspiradores com tampo tambem de marmore, duas poltronas, e 12 cadeiras, tudo em perfeito estado. 4-2

ESPECIALIDADE

MOLESTIA DO PEITO. — A farinha de S. Bento é o unico alimento capaz de ser supportado pelos estomagos fracos, e o mais conveniente pelos seus bons resultados ás pessoas atacadas de molestias do peito, aos convalescentes, e ás pessoas enfraquecidas por toda a qualidade de excessos como perdas de sangue, etc., etc. Em latas a \$3500.

CALLOS. — Um remedio infallivel para remover e destruir absolutamente os callos sem dor e em pouco tempo — os emplastros são affixados — em caixinhas de 28000, e de 38000.

LEITE VIRGINAL. — Para branquear a pelle e preservar a da secura, vermelhidão, e borbulhas, tirar paños, sardas, espinhas, e exalar perfumes os mais finos. Cada frasco 18000.

COSMETICO VIRGINAL. — Faz desaparecer as sardas, empingens e todas as manchas da pelle. Preço 18000.

CHARUTOS PULMINANTES. — Não ha perigo; esse brinquedo provoca risadas de uns, e susto ligeiro do fumante que não está previsto, 200 rs. cada um.

BENZINA FRANCEZA PURA. — Para tirar todas as nodos oleosas, gordurosas e resinosas. Destroe a um instante percevejos, pulgas e seus ovos, e cura sarnas, e os rheumatismos do homem. Acompanha uma guia. Preço 18000 cada vidro.

40-RUA DIREITA-46

Atenção

Bernardo Martins Meira, compra garrafas vazias a 60 rs. cada uma. Quem as tiver, queira dirigir-se á rua de S. Bento n. 33, em casa do mesmo.

Aproveite a pechincha quem as tiver, que é por pouco tempo, e sendo porção, paga-se metade do seu valor em cohe. 3-2

Campinas

100000 de gratificação

Fugio á Generoso Pires Barbosa, de sua fazenda em Campinas, á quinze dias mais ou menos, um seu escravo de nome João, pardo claro, de idade de vinte e sete annos, olhos pequenos, rosto fino, corpo regular, e mesma estatura, bons dentes, pisando para dentro, e fallar sosegado. Responde tambem pelo nome de Baptista. Quem o mesmo capturar e levar á seu senhor em sua fazenda, ou na cidade de Campinas á José Bras de Oliveira, se gratificará com a quantia de 100000. Ha noticia de que o dito escravo foi visto para os lados da Agua-choca. 10-4

Hotel

Da estação de Jundiaby

O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel publico e com especialidade a seus freguezes do interior desta provincia, que continua com este estabelecimento, sempre prompto em bem servir os freguezes, donde apresenta todas as vantagens para os sr. viajantes por estar junto á estação donde se embarcam.

Assim como faz sciente que querendo mudar-se desta provincia até o fim do anno, por isso previno ás pessoas que quizerem comprar este estabelecimento que se podem dirigir ao mesmo para ver e tratar.

ANTONIO JACINTHO DE MEDEIROS. 10-3

Ao commercio

G. BERNARD & V. WEILL, estabelecidos em Campinas, no largo do Rosario n. 23 esquina, tem a honra de participar ao respeitavel commercio desta provincia, e aos seus amigos, e freguezes do municipio de Campinas em particular, que acabam de abrir uma casa de commissões em Paris, rua de l'Echiquiere 38, dirigida pelo socio G. Bernard muito conhecido nesta provincia, onde se encarregam de qualquer encomenda, seja de artigos francezes, inglezes, allemães ou americanos.

Os sr. negociantes que quizerem honrar-se com a sua confiança podem dirigir os seus pedidos, seja á casa em Campinas, onde sempre se acham do proximo mez de Novembro em diante um grande sortimento destes artigos á sua disposição, ou seja directamente á casa G. Bernard & V. Weill, rua de l'Echiquiere 38 em Paris, que hão de ser satisfeitos tanto em condições, preços, qualidades, gostos como em execução completa de seus pedidos.

Campinas, 23 de Agosto de 1889. 5-3

JUNDIABY

Os abaixo assignados acabam de estabelecer nesta cidade, rua do Rosario n. 43, uma casa de commissões para receber e despachar todos os generos de exportação e importação, e esperam merecer a valiosa protecção de seus amigos, o que desde já muito agradecerão assegurando que empregarão todos os esforços para bem corresponder á confiança que nelles depositarem.

Jundiaby, 23 de Agosto de 1889. 3-3

BAPTISTA & VIANNA.

Atenção

8-Rua do Rosario-8

Viava Supply, tem a honra de participar a seus freguezes da capital e do interior da provincia, que acaba de receber um grande sortimento de joias de ouro, prata, e brilhantes, o que tudo vende por commodos preços, como por exemplo correntes modernas de ouro de 18 quilates a 78000 a oitava.

Na mesma casa compra-se ouro, prata, e brilhantes. Incumbem-se de qualquer concerto de obra por commode preço. 15-3

Freisa-se de feixadeiras de cigarros, que salbam trabalhar, e fazem 1.000 cigarros por dia. Paga-se 500 por dia, na rua do Amador Bueno n. 2, canto do Tanque do Zungo. FRANCISCO JOSE GARCIA. 3-3

O LIVRO DO POVO

POR

ANTONIO MARQUES RODRIGUES

Obra recommendada e approvada pelos exms. srs. D. Manoel, arcebispo da Bahia, D. Luiz, bispo de Maranhão, e adoptada nas escolas primarias das provincias do Amazonas, Pará, Maranhão, Piahy, Ceará, Parahyba, Pernambuco etc.

Este livro é proprio para a educação da mocidade. E ornado de gravuras.

Um volume 18200

adVende-se nesta typographia.



A. L. GARRAUX

LIVREIRO DA ACADEMIA

SORTIMENTO ESPECIAL D'ARTIGOS D'ESCRITORIO, D'OBJECTOS DE FANTASIA, DE PAPEIS PINTADOS, DE LIVROS, ETC., ETC.

PAPEIS

Papel de peso.
— para cartas.
— para luto.
— de fantasia.
— para desenho.
— almofado.
— florido.
— Hollanda.
— para malar moscas.
— para musica.

OBSERVAÇÃO:

Marca-se gratuitamente com as iniciais do comprador, todo o papel comprado em nossa casa.

ENVELOPPES

Enveloppes commerciaes.
— brancos.
— de cores.
— de fantasia.
— forrados de pano.
— rendados.
— para cartões de visita.

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Pennas Mallas.
— de varias qualidades.
Lapis Faber.
— de pedra.
— de cores.
Canetas de pino, de borracha, de osso, de marfim, etc., etc.
Canetas com penhas de ouro, de ponta de brilhante.
Tinteiros de vidro.
— de bronze.
— de porcelana.
— de fantasia.
— de viagem.

Areleiros de vidro, de madeira, etc.
Areia dourada, de cores, etc.
Canivetes.
Facas de cortar papel, de marfim, de osso, etc.
Sinetes, etc., etc.

SAO PAULO

ARTIGOS DE FANTASIA

Caixas de costura.
— de perfumaria.
Papeleiras de luxo.
Caixas de guardar joias.
Bolsas para senhoras.

GRANDE SORTIMENTO

De bonitos artigos de metal, de velludo, de marfim, etc., proprios para presentes, para festas, etc., etc.

CHARUTEIRAS DE GOSTO

ETC., ETC.

LIVRARIA

Livros de direito.
— de litteratura.
— de devoção.
— de educação.
— de homeopathia.
— de missa, com capa de velludo, de marfim, de madreperola, de tartaruga e de marroquim.

LIVROS COMMERCIAES

DIARIO, RAZÃO, CAIXA
Livros para assentos.
— de copiar cartas.
— para apontamentos.
— de luxo para presentes.
— latinos, francezes, portuguezes, inglezes, etc., etc.
Tinta de copiar cartas.
— de marcar roupa.

Manda-se gratuitamente o catalogo da casa, em qualquer ponto do Imperio, sobre pedido.

PAPEIS PINTADOS PARA FORRAR CASAS

o mais variado e mais completo sortimento de papeis pintados de fabricação franceza, desde o preço de 500 reis a peça para cima. Guarnições, Rodapés, etc., etc.

de qualquer encomenda para a Europa. — Assignaturas para os jornaes estrangeiros. — Preços medicos.

rua Poitevin, rua Banquete, 2 e 4.

ATAUBINA
(Extracto anti-leproso)

Do dr. Joaquim Floriano de Godoy

Este maravilhoso vegetal já de tão reconhecidas vantagens em therapeutica é pertencente ao numero infinito de plantas que este rico paiz encerra ignoradas.

A quasi nenhuma iniciativa do nosso povo, a deslembração de nossas riquezas originaes e tão opulentas, tem dado lugar e á acorocamento á industria estrangeira, que se introduz no paiz, fundada na nossa propria materia prima (!). O paiz por excellencia, que contrasta com quasi todos os outros neste ramo de industria — a França, derrama pelo universo milhares de composições pharmaceuticas que a enriquecem de um modo estupendo; e nós sempre attentivos e promptos a louvar, apreciar e aculher as suas *paropadas* infestadas de mercurios, emmudecemos, quando não depreciamos o resultado das tentativas dos nossos bons patriotas.

Ainda bem que a composição toda vegetal de Ataúba vai triumphando destes prejuizos nacionaes!

O extracto anti-leproso (o titulo da composição) que não tem como recommendação mais que os maravilhosos curativos que operou, e de que nem todos ainda tem conhecimento, offerece-se d'ora ávante com mais facilidade a todas as pessoas que soffrerem de *elephantiasis dos gregos*, (commummente *morphea*) enfermidade terrivel e tão frequente entre nós.

Para ver-se este poderoso medicamento no seu real merecimento, era preciso que todos tivessem conhecimento de trez curativos principaes, operados na cidade de Jacarehy; sendo o de uma mulher que já se achava com tumores ou tuberculos pelo rosto, o de um homem quasi no mesmo estado, e o de um preto já abandonado de todos. Para affecções de pelle, assim como impigens — dartros humidos ou secos — boubas de todas as qualidades — ulceras antigas e rheumatismos chronicos ou agudos, a sua acção opera-se de uma maneira admiravel.

Cada vidro vai acompanhado de um maço de pó do mesmo principio activo do «Extracto», que delle se deverá fazer uso segundo uma indicação que acompanha os vidros.

O preço de tudo é 10\$000.

A não grande abundancia da ataúba e dos outros vegetaes de que se compõe o «Extracto», mesmo a dificuldade em conseguil-os, não nos permite — por em quanto — modificar aquella cifra; o que mais tarde se fará se a acceitação fór tal que compense todas as despesas de que ha mistar para um grande consumo.

Adverte-se o publico que o nosso «Extracto» preparado pelo systema de Bouchardat, o mais moderno e em quem as preparações clinicas se encontram mais assisadas e convenientes — foi um desses resultados felizes que raras vezes se conseguem. Mas a inveja que se desperta sempre nestes casos, querendo valer-se de nossos recursos, tentado (em vão até o presente) descobrir os dous vegetaes mais de que fazamos uso, porém sendo estes vegetaes exclusivamente da margem do Parahyba, e menos frequentes ainda que a propria ataúba — podemos affiançar que o não conseguirá, e que se não desistir dessa pretensão, ha de forçosamente, impingir gato por lebre.

O «Extracto anti-leproso» acha-se á venda na typographia do Correio Paulistano.

Ao Propheta

JOÃO BAPTISTA PASCOUAV, tem a honra de participar a seus freguezes desta capital e do interior que mudon seu estabelecimento de roupa feita e alfaiataria, para a rua da Imperatriz (antiga do Rosario) n. 21, casa de 2 andares, donde encontrarão sempre um escolhido sortimento de objectos pertencentes a este negocio.

N. B. Grande redução nos preços.
M.º Pascouav costureira, no sobrado da mesma casa. 10-01

Vende-se em conta um sobrado dentro da cidade. Dá de aluguel 40 e tantos mil reis mensaes. Para mais informações no escriptorio desta folha.

Leilão

Sexta-feira 27 do corrente, ás 10 horas da manhã, á rua de S. Bento n. 49.
José Francisco de Moraes Nobrega, competentemente authorizado, fará leilão de uma rica secretaria, um bonito toilet com tampo de marmore, cama com colção de molas, cadeiras, relógio com redoma de vidro, sofalste, mezas para jantar, ditas pequenas, lavatorio com jarro e bacia, commoda, divans, quadros, espelhos, talheres, fofiforos de cera, um selim para montaria de homem, e muitos outros objectos. 2-2

POESIAS

DE
ANTONIO JOAQUIM FRANCO DE SA
com uma noticia biographica do poeta por seu irmão Philippe Franco de Sá.
Um volume nitidamente impresso no Maranhão.
Preço em brochura 28
Encadernado 38
A venda nesta typographia.

CATECISMO BRASILEIRO

por Cyriaco Antonio dos Santos e Silva
Para uso das escolas de primeiras
letras de ambos os sexos

Adoptado nesta provincia pela lei n. 34 de 19 de Julho de 1867, e na de S. Pedro do Rio Grande do Sul, pelo respectivo conselho de instrução publica.

A venda no escriptorio do Correio Paulistano a 500 rs. cada exemplar. Em porções de 100 exemplares para mais vende-se á razão de 300 rs. cada um.

Companhia Paulista

No dia 26 de Setembro proximo futuro, ás 10 horas da manhã, terá lugar no escriptorio desta Companhia em a cidade de São Paulo á rua do Carmo n. 72, a reunião semestral ordinaria dos respectivos accionistas que pelo presente ficam avisados daquella occorrença. Assim como são convidados os mesmos accionistas a virem substituir os recibos provisórios que possuem, por titulos assignados pela directoria. Esta substituição se fará desde já em todos os dias uteis, no escriptorio da mesma companhia, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Escriptorio da companhia Paulista, 25 de Agosto de 1889.

O secretario, J. S. FERNANDES. 10-2

Theatro de S. José

Associação dramatica paulistana

DOMINGO 29 DE AGOSTO DE 1889.

Representar-se-ha o muito applaudido drama em 3 actos, de apparato e grande espectáculo:

GABRINA

Ou a corda dental de parma

Denominação dos actos

1.º ACTO

A troca no berço.

2.º ACTO

As duas mães

3.º ACTO

O Gram-Duque de Parma

Personagens	Actores
Gabrina, aldet.	D. Franciosa.
A princesa Mathilde, regente de parma.	D. Balbina
O principe Eduardo, depois Gram-Duque de parma.	D. Hortencia.
O pagom da regente.	D. Rita.
O Gram-Duque.	Sr. Petit.
Conrado, (moçoquero).	Sr. Ferreira.
Stenio.	Sr. Montany.
O marquez da Torre.	Sr. Vasques.
Ranthes.	Sr. V. Cabral.

Soldados, povo, etc.

Terminará o espectáculo com a comedia em 1 acto:
Uma mulher que se embriaga!

Acha-se em ensaio o drama

AMOR E MORTE

S. Paulo—Typ. do «Correio Paulistano».